



ÁREA TEMÁTICA: Mercados, Emprego e Desemprego

Redes de cooperação interorganizacional. A dinâmica das entidades formadoras do Alentejo Central

FIALHO, Joaquim

Doutor em Sociologia

CISA-AS

joaquim.fialho@gmail.com

Resumo

Esta comunicação resulta duma investigação de doutoramento, concluída no início do presente ano em que, através da utilização da teoria e metodologia de análise de redes sociais, se identificou a estrutura de interacções que se desenvolveu entre as entidades que ministraram acções de formação profissional no Alentejo Central.

A representação da rede das entidades formadoras, o tipo de interacções que decorreram do posicionamento dos actores, as dinâmicas que sustentaram os relacionamentos interorganizacionais e, por último, a identificação dos efeitos da rede no comportamento das entidades formadoras, constituíram as principais linhas estruturantes na investigação desenvolvida e aqui resumida em termos de comunicação.

Palavras-chave: análise de redes sociais, formação profissional, cooperação





INTRODUÇÃO

Esta comunicação, com as necessárias adaptações em termos de forma e conteúdo, resulta duma investigação de doutoramento em sociologia (2003-2007), através da qual se procurou identificar a estrutura das relações interorganizacionais das entidades que desenvolveram acções de formação profissional no Alentejo Central.

Sendo a formação profissional o mais importante mecanismo de qualificação de recursos humanos e, por outro lado, sendo o Alentejo uma região prioritária em termos de aplicação de Fundos Comunitários em Portugal, pretendeu-se, em termos estritos, através do recurso à teoria e metodologia análise de redes sociais (ARS), proceder a um estudo de carácter exploratório sobre a tipologia das relações que se estabeleceram entre as entidades formadoras acreditadas pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) no Alentejo Central, durante o ano de 2005.

Com base na aplicação dos pressupostos referidos anteriormente, pretendeu-se identificar as características e as dinâmicas que sustentaram as redes de cooperação interorganizacional das entidades formadoras do Alentejo Central. A representação da rede das entidades formadoras, o tipo de interacções que decorreram do posicionamento dos actores, as dinâmicas que sustentaram os relacionamentos interorganizacionais e, por último, a identificação dos efeitos da rede no comportamento das entidades formadoras, constituíram os pilares estruturantes na investigação desenvolvida.

Com os dados obtidos identificaram-se redes de baixa densidade, nas quais a rede formal apresenta valores ligeiramente superiores à rede informal. Este indicador, conforme será apresentado, indicia uma dinâmica de rede frágil, sustentada em mecanismos de *confiança desconfiante*, redes com predomínio de laços fracos e privilegiados, poucos laços fortes e uma dinâmica de cooperação interorganizacional ténue, na qual o principal factor de influência da acção sócio-organizacional das entidades que desenvolvem acções de formação profissional é a lógica concorrencialista entre entidades do mesmo âmbito de intervenção e a construção de estratégias individualizadas para a captação de apoios comunitários para a operacionalização das acções de formação.

1. ANÁLISE DE REDES SOCIAIS – ALGUNS PRESSUPOSTOS ENQUADRADORES

A análise de redes sociais estuda as relações entre vários elementos, designadamente, pessoas, grupos, organizações, etc., sendo que, com cada tipo de relação se pode construir uma rede diferente. Uma das principais diferenças das análises sociológicas tradicionais que explicam a conduta dos actores em função, por exemplo, da classe social ou profissão, é que a análise de redes sociais se centra fundamentalmente nas relações e atributos desses elementos. Quer isto dizer que a matriz que suporta a análise de redes sociais é a estrutura das relações que assumem um carácter explicativo mais significativo que os atributos pessoais dos elementos que compõem um determinado sistema.

A análise de redes sociais tem, nos anos mais recentes, vindo a beneficiar dum enorme desenvolvimento das técnicas de análise de matrizes e grafos, nomeadamente beneficiando do impulso desenvolvimento de ferramentas informáticas. Associado a este contributo tem estado a estatística e a matemática que, por influência das suas técnicas, tem permitido à sociologia objectivar muitas das análises de redes sociais.

A sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece indicadores que permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até mesmo caracterizar a influência que cada indivíduo ocupa no grupo (Reffay;2005).



Este quadro de teórico sobre as redes sociais parte das relações sociais para definir a estrutura social em ruptura com as análises «ditas tradicionais» das ciências sociais. Nesta linha, o processo de investigação parte da identificação de categorias predefinidas (classes sociais, grupos, departamentos, etc.) seguindo-se um levantamento das unidades independentes entre si, as quais são posteriormente agregadas com a intenção de perceber a consistência no seu comportamento. Apesar da grande maioria das teorias sociológicas se debruçar ao nível do relacionamento entre os actores, o contributo mais significativo da análise das redes resulta da introdução de instrumentos técnicos que possibilitam avaliar empiricamente os postulados teóricos sobre a natureza das relações e o carácter estrutural das redes. Em síntese, a análise de redes sociais facilita a operacionalização do conceito de estrutura social e abandona a utilização vaga e generalista que não se coadunava com o postulado duma ciência social concebida num quadro de rigor (Wasserman et al., 1994; Scott, 2000; Varanda, 2000).

Simultaneamente, existe ainda alguma perturbação relativamente ao significado atribuído à análise de redes sociais. Estas indefinições resultam de determinadas disciplinas e correntes dentro das mesmas disciplinas transmitirem vários significados e formas. Por outro lado, a multiplicidade de utilizações que são dadas ao conceito de rede em nada abonam a sua clarificação. Por outro lado, a nível bibliográfico, encontramos muita produção a nível internacional, ao invés do quadro nacional onde escasseiam ou quase não existem sinais de produção bibliográfica na área.

Apesar destes avanços, a análise de redes sociais continua a estar associada a uma elite de cientistas sociais que dominam uma linguagem muito particular e que, em certa medida, pode funcionar como um obstáculo para os cientistas sociais mais familiarizados com a lógica dos atributos nas suas análises dos fenómenos sociais.

Dentro desta linguagem muito particular, as matrizes e os grafos têm-se constituído como a principal ferramenta para traçar e apresentar as interacções entre indivíduos, grupos e organizações.

Por conseguinte, tal como referem Alejandro et al. (2005), as características particulares da análise de redes sociais fazem com que as ferramentas estatísticas de uso corrente no seu todo não sejam adequadas para a análise das redes.

É por esta razão que, um pouco por todo o mundo, vários investigadores têm desenvolvido instrumentos matemáticos/informáticos específicos para a análise de redes sociais, nomeadamente ao nível de ferramentas que permitem criar e analisar indicadores que explicam a estrutura individual e colectiva duma determinada rede.

2. OPÇÃO METODOLÓGICA

Partindo de indícios de interacções entre entidades formadoras (EF's)ⁱ no Alentejo Central, pretendeu-se identificar, como pergunta de partida para o processo investigação, «*quais as características e dinâmicas que sustentam as redes de cooperação interorganizacional das entidades formadoras do Alentejo Central*». Face ao conhecimento etnográfico do terreno, à diversidade de entidades formadoras que operam no Alentejo Central e ao número de formandos envolvidos nas acções de formação profissional, partiu-se do pressuposto que existe uma dinâmica de cooperação e de relacionamentos interorganizacionais entre as entidades formadoras. Na assunção de que existe cooperação, pretendeu-se identificar a dinâmica da redeⁱⁱ, designadamente o tipo de rede, o que está na base da cooperaçãoⁱⁱⁱ ou seja, como se estrutura a cooperação interorganizacional das entidades formadoras em causa e responder simultaneamente aos seguintes objectivos específicos:

1. *Representar a rede das entidades formadoras do Alentejo Central*
2. *Identificar as interacções decorrentes do posicionamento dos actores na rede*



3. *Conhecer as dinâmicas de cooperação que sustentam os relacionamentos interorganizacionais das entidades formadoras*
4. *Identificar os efeitos da rede no comportamento das entidades formadoras*

A pertinência do estudo, conjugada com os objectivos da investigação e sobretudo, a necessidade de compreensão e aprofundamento das dinâmicas interorganizacionais foram tidos como factores preponderantes e decisivos para a opção metodológica adoptada.

O enfoque na análise de redes sociais como recurso para estudar a dinâmica das entidades formadoras resultou da necessidade de identificar o cenário de relacionamentos e do tipo de interacções dos operadores de formação do Alentejo Central.

A delimitação do objecto de estudo foi ponderada para uma margem mínima de erro. Nesta opção, foram seleccionadas todas as entidades formadoras do Alentejo Central que, em 28 de Janeiro de 2006, se encontravam acreditadas pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF). Às trinta entidades acreditadas neste período, foi ainda integrado no objecto de investigação o Centro de Formação Profissional de Gestão Directa do Instituto do Emprego e Formação Profissional, por ser a entidade formadora com maior volume de formação no Alentejo Central e pelo facto de ser o serviço público responsável pela execução das políticas de emprego e formação profissional na região. Porém, de sublinhar que outras^{iv} entidades formadoras acreditadas pelo IQF, com sede fora do Alentejo Central, também aqui desenvolvem algumas intervenções formativas pontuais. Estas, dado o seu significado residual, não foram tidas em consideração na delimitação do objecto de estudo. Assim, com os dados recolhidos, obteve-se informação da rede total das entidades formadoras com sede no Alentejo Central.

2.1 NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO

A rede em estudo enquadra-se nas Matrizes de *Modo 1*, atendendo a que se pretende identificar as interacções entre todos os actores (mesmo número de linhas e colunas), através da utilização dos binários “0” e “1”^v. De referir também que esta configuração da matriz enquadra-a nas matrizes quadradas, simétricas e idênticas e que estudam uma rede completa.

A investigação apresenta uma tipologia mista: qualitativo e quantitativo e enquadra-se numa linha de carácter exploratório que assenta sobretudo na metodologia de estudo de caso dado, que as informações recolhidas apenas permitem analisar e estudar a dinâmica da rede interorganizacional das entidades formadoras do Alentejo Central. Na configuração da rede identificaram-se interacções formais e informais. Nas interacções de tipo formal consideraram-se todas as informações trocadas sobre a operacionalização das acções de formação, reuniões de trabalho, encontros de articulação de estratégias de formação, no quadro de lógicas formais de comunicação interorganizacional, enquanto que nas de tipo informal, foram considerados todos os contactos fora dos canais formais de comunicação, como por exemplo o aconselhamento.

O estudo estruturou-se nas duas dimensões de análise preconizadas por Porras (2001):

1. ESTRUTURAL, na qual se pretendeu identificar o número de interacções existentes entre os participantes da rede em relação ao número potencial, nomeadamente a coesão da rede;
2. POSICIONAL em que se pretendeu estudar o posicionamento dos actores na rede, nomeadamente se são centrais, periféricos ou intermediários nas relações através do recurso às medidas de centralidade, intermediação e de equivalência estrutural.

Os objectivos centram-se numa lógica descritiva e de identificação da dinâmica interorganizacional das entidades formadoras considerando que até há presente data existem poucos conhecimentos sobre este



tema. Por esta razão, pretendeu-se explorar e conhecer a dinâmica interorganizacional com o objectivo de extrair todas as manifestações sobre o fenómeno.

Os dados qualitativos foram manipulados com o recurso à análise de conteúdo, enquanto que os dados dos questionários sociométricos foram tratados no Ucinet 6.18 v., tendo-se procedido à codificação das entidades formadoras através da designação EFⁿ, como forma de garantia da confidencialidade.

3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA REDE DAS ENTIDADES FORMADORAS (EF's)

A estrutura de relações numa rede interorganizacional define-se como a teia de vínculos que se estabelecem entre os elementos que constituem um conjunto de organizações. No âmbito da formação profissional e, no caso concreto do Alentejo Central, a estrutura sócio-organizacional de entidades formadoras é díspar, heterogénea e numa verdadeira diversidade.

O quadro sócio-organizacional das entidades formadoras (EF) do Alentejo Central, à data da realização do trabalho de campo, era constituído por trinta entidades formadoras acreditadas pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF), sendo o critério de acreditação o principal motivo para a escolha/selecção das mesmas.

A figura seguinte apresenta a distribuição das entidades formadoras pelo Alentejo Central, demonstrando uma considerável cobertura geográfica em termos de oferta de formação por parte das entidades formadoras. Será uma cobertura aparente ou efectiva? Esta foi uma questão que teve as suas respostas e considerações no trabalho empírico e aqui apresentadas de forma sucinta.

Das trinta entidades consignadas neste estudo, dezassete encontram-se sedeadas na capital de distrito (Évora) e quatro no concelho de Borba. Salvo três excepções de concelhos com ausência de entidades formadoras acreditadas, todos os restantes concelhos têm uma entidade com acreditação para poder implementar e desenvolver actividades de formação profissional.

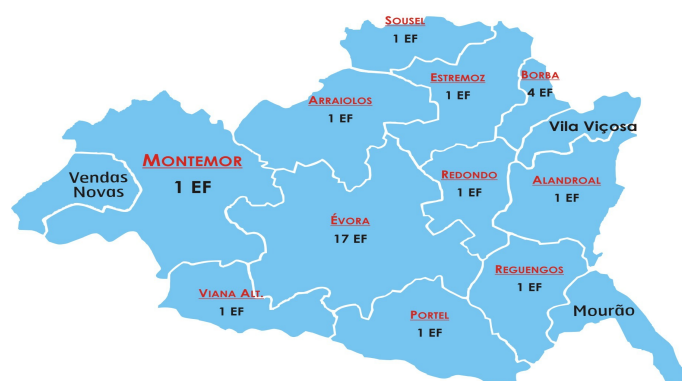


Figura 1 – Alentejo Central. Fialho, 2008

Pela leitura da figura pode-se constatar que há três concelhos que não têm sedeadas quaisquer entidades formadoras com acreditação na NUT Alentejo Central (Vendas Novas^{vi}, Vila Viçosa e Mourão). Contudo, esta ausência não implica a inexistência de oferta formativa para os concelhos em causa. Para além do local onde se encontram sedeadas, as entidades formadoras estudadas também desenvolvem formação



profissional um pouco por todos os concelhos do Alentejo Central. Por outro lado, também outras entidades que não têm a acreditação nesta NUT, aqui vêm desenvolver acções de formação profissional, nomeadamente entidades formadoras dos distritos limítrofes.

No ano de 2005 foram as empresas de consultoria e formação que tiveram uma maior expressão em termos de volume de formandos, com 30,2%, seguidas de perto pelas associações sectoriais (28,7%). Ao todo, foram 5290^{vii} pessoas que beneficiaram das acções de formação das entidades formadoras consideradas nesta investigação.

Para o desenvolvimento das acções de formação, em muito contribuíram os fundos dos vários Programas e Medidas Comunitárias. Curiosamente ou não, apenas uma entidade formadora desenvolveu acções de formação profissional em 2005 com capitais próprios e sem recurso a fundos/projectos comunitários.

O quadro a seguir apresentado evidencia uma significativa dependência dos financiamentos comunitários por parte das entidades formadoras para o desenvolvimento das suas acções de formação profissional e responde a algumas questões enunciadas anteriormente.

Tipo de entidade	Financiamento próprio	Financiamento comunitário
Pública de ensino e formação profissional	30 %	70 %
Associação de desenvolvimento	0 %	100 %
Empresa de consultoria e formação	6,1 %	93,9 %
Fundação e/ou Escola Profissional	40 %	60 %
Associação Sectorial	21,3 %	78,7 %
Comissão Local	0 %	100 %
TOTAL	16,23 %	83,77 %

Quadro 1 – Proporção de financiamento. Fialho, 2008

Os dados recolhidos, correspondem aos valores médios de financiamento por parte das entidades, não sendo objectivo estudar as proporções de financiamento por Programa e Medida. Contudo, verifica-se uma deficitária sustentação económica das entidades formadoras e uma excessiva dependência de Programas de Financiamento da Formação Profissional, facto este que poderá funcionar como mecanismo de estrangulamento da acção interorganizacional da rede em geral e da cooperação em particular. Assim, numa eventualidade de suspensão dos Programas e Medidas de financiamento comunitários, a consequência imediata seria uma instabilidade e insustentabilidade da acção formativa das entidades formadoras. A inexistência de sustentação financeira própria para a formação é a principal causa. Relativamente ao ano de 2005 apenas uma entidade (Fundação) tinha bases próprias para poder desenvolver a sua acção formativa. Por outro lado também, se associarmos as duas entidades públicas, tendo em conta o *supporte* financeiro do Estado, ficamos perante uma rede frágil o que, em certa medida, poderia pressupor uma forte dinâmica de cooperação, como caminho inevitável para a sua actividade. Assim, apenas três entidades são «aparentemente» estáveis (ou saudáveis) em termos de pilares financeiros, facto este que contraria algumas das principais teorias sobre a cooperação, nomeadamente a tipologia de Alter et al. (1993).



Com efeito, e pelo dados recolhidos, ficou bem evidente que há por parte dum número significativo de entidades formadoras, sobretudo as associações de desenvolvimento local e regional (100%), da comissão local (100%) e das empresas de consultoria e formação (93,9%), uma excessiva dependência de fundos comunitários, evidenciando uma actividade formativa pouco sustentada em termos de suporte financeiro e de dependência total de variáveis contingenciais.

Relativamente à oferta formativa disponível em 2005, constata-se que ela foi diversa. Do trabalho de recolha de campo constou-se que não existem estratégias operativas de definição da oferta formativa.

Do trabalho de campo constatou-se também que existe uma aparente preocupação em inovar em novos perfis de formação profissional mas, no entanto, a dinâmica de rentabilização de recursos de vária ordem funciona como elemento estrangulador e conducente a ofertas de formação redundantes. Este cenário é bem elucidado por um dirigente duma entidade formadora:

“todos procuram fazer o mesmo, sem inovar nas ofertas e, fundamentalmente, procurando adequar os seus projectos de formação aos Programas de Financiamento” (Dirigente da EF9)

Para um dirigente duma entidade formadora, a existência dum plano estratégico de formação poderia ser um elemento fundamental na regulação e estruturação do mercado:

“era importante a existência dum plano estratégico de formação em que fossem definidas as áreas de formação de referência para as entidades, a definição de estratégias conjuntas de formação e o desenvolvimento de mecanismos de cooperação” (Dirigente da EF14)

Em detrimento do estudo de necessidades de formação e constituição de consequentes respostas, as entidades formadoras procuram ajustar a sua acção na viabilização de estruturas de formação próprias através da elaboração de candidaturas a formação profissional que tenham margens de «aprovação» elevadas nos Gestores dos Programas e Medidas de financiamento.

Das entrevistas realizadas aos dirigentes e responsáveis/coordenadores da formação profissional questionou-se sobre a forma como estruturavam e organizavam os seus planos de formação. Desta recolha, ficou evidente uma preocupação em desenvolver um número significativo das acções de formação tendo em conta os Programas e Medidas de financiamento disponíveis em cada momento. Assim, a categoria «formação centrada em programas de financiamento» é a mais expressiva (41,9%) o que quer significar que as entidades procuram conciliar a sua actividade formativa com os financiamentos que se vão disponibilizando no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio. Este factor é sem dúvida bloqueador da criatividade das entidades, na medida em que condiciona a inovação ao nível de novas alternativas de formação profissional regional.

Se se tiver em consideração que 41,9% da formação profissional desenvolvida procura ir ao encontro das possibilidades de financiamento por parte de Programas e Medidas Comunitários e, por outro lado que 28,9% da formação programada resulta de «sensibilidades individuais» dos agentes de formação regional, significa que cerca de 70% da formação profissional que se implementa no mercado regional de formação é pouco sustentada e sem quaisquer tipo de diagnóstico de sustentação das necessidades do mercado. Nesta perspectiva, convém referir que nenhuma entidade formadora referiu fazer levantamentos de necessidades de formação junto do tecido empresarial/mercado de trabalho. Contudo, há também que



referir que uma entidade pública possui um Conselho Consultivo em que participam as associações sindicais e empresárias numa perspectiva de aconselhamento das necessidades de formação do mercado.

Perante o quadro anterior, sobressai uma dinâmica de formação regional desarticulada entre a oferta e as necessidades do mercado, beneficiando da influência das lógicas imediatistas de financiamentos comunitários.

A elaboração do Planos de Formação só em terceira instância é que resulta de estudos de diagnóstico realizados pelas entidades formadoras. Nesta categoria (16,0%) enquadra-se a elaboração do diagnóstico de formação tendo por base instrumentos formais da elaboração, como por exemplo, questionários e entrevistas.

Por fim, a categoria «inovação/descoberta de novas áreas» é a menos expressiva (13,2%), sendo que, são poucas a entidades que apresentam preocupações em inovar em áreas de formação profissional. A explicação para este valor pode ter razões no determinismo que se ostenta relativamente à oferta de financiamentos comunitários e com o «jogo de interesses» instalado no mercado regional de formação.

Os dados recolhidos sobre a concepção e operacionalização das acções de formação profissional assentam sobretudo numa lógica imediatista, centrada na disponibilidade de financiamentos de Programas e Medidas Comunitárias e também em sensibilidades individuais e estudos de diagnóstico de necessidades de formação em ultima instância. Com estes dados, não se pretende catalogar a formação profissional como *desnecessária* e sem qualquer tipo de fundamento porém, pretende-se reforçar a tese de que é necessário apurar as «sensibilidades» e re-centrar a oferta formativa em dinâmicas de formação/emprego e de estimular respostas às necessidades do mercado de trabalho.

Na construção das matrizes de interação da rede, foram diferenciados as interacções formais (p.exº reuniões de trabalho) e interacções informais (p.exº contactos fora dos canais de comunicação da entidade formadora).

Os dados recolhidos apontam para uma dinâmica de interação subjugada a lógicas formais de comunicação entre os técnicos das entidades formadoras.

Na base da construção da matriz de interação formal solicitou-se^{viii} aos técnicos que identificassem “*todas as entidades com as quais mantivessem contactos de carácter exclusivamente formal (reuniões, encontros de trabalho, etc.)*” no sentido da operacionalização das acções de formação profissional. Na explicitação deste tipo de relacionamento procurou-se identificar os contactos formais dos técnicos no sentido da obtenção de informações de carácter técnico para operacionalização das acções de formação, nomeadamente:

- Informações sobre candidaturas a Programas e Medidas de financiamento;
- Reuniões para definir estratégias e/ou acções de formação;
- Troca de informações sobre formadores;
- Partilha de recursos humanos (formadores^{ix}) e materiais (salas e equipamentos).

Em termos estritos e, pela análise do grafo seguinte, sobressaem alguns aspectos que definem, ainda que resumidamente, as principais tendências da rede:

1. A quantidade de fluxos que se regista configura uma rede de baixa densidade de interacções entre entidades, nomeadamente uma dinâmica de cooperação ténue e deficitária em termos de relacionamentos.
2. Registam-se duas entidades que estão fora do circuito formal da rede ou seja, não recebem e não emitem qualquer fluxo (EF16 e EF26) – nós soltos/isolados.
3. Há dois actores que ocupam uma posição privilegiada no que respeita à recepção de fluxos de outras entidades (EF1 e EF18). Estas duas entidades (as duas entidades públicas presentes na



rede) ocupam uma posição central e de grande influencia na rede ao nível dos fluxos de interacção.

4. Também pela visualização do grafo se constata que estamos perante uma rede onde prevalecem laços os fracos entre a generalidade das entidades formadoras (Granovetter, 1974) e estão evidentes muitos buracos estruturais na rede (Burt, 1992).

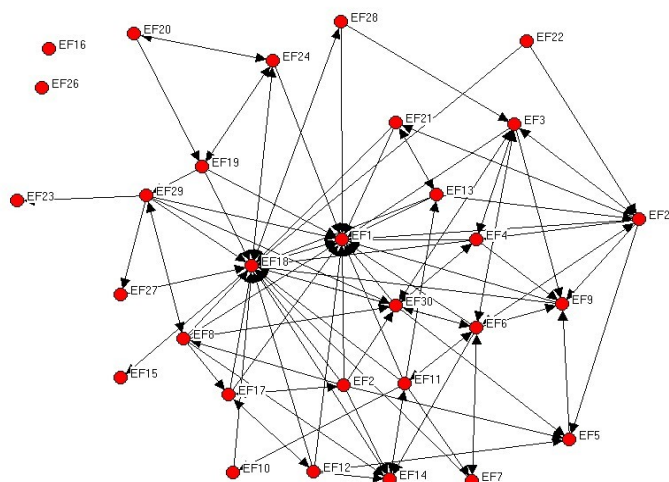


FIGURA 2 - Grafo rede formal, Fialho, 2008

A leitura do grafo (fig. 2) e a análise da matriz que o sustenta, ancorada na apreciação estatística, culmina-se numa rede de baixa densidade. O cálculo desta medida no UCINET apresenta uma densidade média da rede de 11,84% ou seja, uma densidade muito abaixo da razoabilidade. Quer isto dizer que, num quadro de 100% de relações possíveis (rede total), apenas se verificam 11,84% de interações entre as entidades formadoras. Por conseguinte, numa possibilidade máxima de 870 interações na rede (30x29), apenas se registaram 103 fluxos de relacionamentos formais entre as entidades formadoras do Alentejo Central.

Por outro lado, considera-se uma rede abaixo da razoabilidade atendendo a que seria de esperar a definição de estratégias conjuntas de formação como caminho para a viabilização de Planos de Formação das entidades (entenda-se: evitar sobreposições de candidaturas a acções de formação). Contudo, esta baixa densidade, que se entende como negativa, é um factor determinante na identificação das fragilidades do mercado de formação local. Por exemplo, a EF17, no período da realização do trabalho de campo encontrava-se a operar, tendo o seu dirigente referido dificuldades em mater a sua actividade por influência directa da «agressividade do mercado». Alguns meses depois do trabalho de campo, a entidade encerrou por dificuldades de sustentação financeira.

Por estes dados também se pode inferir que estamos perante uma rede fraca, pautada por uma lógica de ausência de relacionamentos regulares entre as entidades formadoras e um individualismo de acção no território. Porém, também é visível que as duas entidades formadoras públicas assumem um papel central na rede o que, numa primeira análise, nos remete para um quadro de maior influência e de poder comparativamente com as restantes entidades, na linha do que preconiza Hanneman (2001).

Estas duas entidades públicas são importantes na rede porque são elas que determinam de forma indirecta a dinâmica do mercado de formação. O facto de serem detentoras dum manancial de informação técnica, a posse de estruturas de formação bem apetrechadas em salas e equipamentos, a sua «maior» solidez em



termos financeiros, transforma estas entidades em entidades de referência para as restantes entidades formadoras do Alentejo Central.

Bourdieu (1986) reportou-se ao conceito de agregado tendo por base uma ligação de pertença forte a uma rede social de relações supostamente institucionalizadas e de reconhecimento mútuo. Os dados resultantes da densidade da rede das EF's, bem como os dados seguintes, sustentam uma rede fraca e de relações institucionais débeis e pouco dinamizadas podendo, em oposição ao conceito de agregado referido anteriormente, afirmar-se que estamos perante uma rede de agregados débeis e de relações interorganizacionais de modo ténue e pouco dinamizadas, constituindo um quadro de *confiança desconfiante* (Fialho, 2007a; Fialho, 2008).

Se por um lado a rede apresenta uma baixa densidade por outro, há entidades que nesta lógica de precariedade de relacionamentos já referidos, acabam mesmo assim por ocupar uma posição aparentemente privilegiada (as duas entidades públicas) no quadro geral da rede. A sustentação em orçamentos mais sólidos e o manancial de recursos que dispõem são a principal explicação para tal posicionamento.

Pela análise dos dados da matriz e do grafo podem ser tecidas as seguintes considerações:

- As duas entidades públicas da rede ocupam uma posição central na rede, funcionando como mecanismo de influência de fluxos das restantes entidades formadoras.
- As duas entidades públicas, pelos posicionamentos que ocupam na rede, são aquelas que têm mais condições posicionais de influenciar a dinâmica da rede nomeadamente a operacionalização das políticas de formação no Alentejo Central.
- Também em termos de proximidade no grafo se verifica que existe uma proximidade considerável entre as associações de desenvolvimento sendo, aliás, o caso mais significativo de relacionamentos entre tipologias de entidades na rede.
- A seguir às associações de desenvolvimento são as empresas de consultoria e formação que apresentam uma maior proximidade ao nível dos relacionamentos na rede.
- Apesar da proximidade referida nos últimos dois pontos, a rede é fraca em termos de interações e configura um cenário de precariedade de relacionamentos, nomeadamente ao nível da cooperação interorganizacional. Por outro lado, nesta rede verificam-se também duas entidades isoladas e outras duas que estão extremamente afastadas da centralização da rede (EF20 e EF23). As relações que se desenvolvem no centro do grafo estão ancoradas numa maior solidez e em relações de confiança. A EF1P e a EF18P são as entidades mais centrais e que assumem uma maior expressão nos indicadores descritivos da rede (tamanho, número de laços e número de pares).

O teste do Grau de Centralidade dos actores, que calcula o número de actores aos quais um actor se encontra directamente ligado, vem confirmar a tese de alguns actores privilegiados na rede, designadamente a EF6 (associação de desenvolvimento) no grau de centralidade de saída, e as EF18P e EF1P na centralidade de entrada. Quer isto significar que a associação de desenvolvimento (EF6) é a entidade que mais estimula a comunicação na rede, quadro este que se confirma também pela maior centralidade de saída da rede. Por outro lado, as duas entidades públicas apesar assumirem um posicionamento mais central na rede, são as entidades que menos estimulam a comunicação na rede. Assim, o seu estado de passividade na recepção de fluxos/ ausência de resposta (EF1= 0 fluxos, EF18 = 5 fluxos) tornam estas entidades como elementos estranguladores da comunicação e confirma-se a tese de que apesar da posição privilegiada na rede, por força do manancial de recursos que dispõem, são entidades que geram uma maior influência das políticas regionais de formação. Se compararmos a dinâmica das entidades públicas com as associações de desenvolvimento, em particular a EF6, constata-se que, mesmo sem serem os actores mais centrais na rede, as associações de desenvolvimento constituem o principal



motor da dinâmica formativa do Alentejo Central, sobretudo pela posição de abertura para a cooperação que evidenciam na rede, em certa forma influenciada pelo que os técnicos das associações de desenvolvimento denominam de «essência» do associativismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num cenário de constantes mutações sociais, tecnológicas e organizacionais, sobressai a inevitabilidade das organizações se agregarem para definição de estratégias conjuntas de actuação, nomeadamente ao nível da partilha de recursos, como por exemplo, informação e conhecimento, numa postura de cooperação interorganizacional e de concertação da acção territorial.

Por conseguinte, as lógicas de organizações fechadas e auto-suficientes parecem estar condenadas ou pelo menos com necessidade de serem reconfiguradas. A organização cujo arranjo se situe numa dinâmica de rede pode funcionar de forma mais racional e concertada na prossecução dos seus objectivos.

Da análise das entidades formadoras identificaram-se dois quadros de relações interorganizacionais distintos. O primeiro, associado à forma de relação estabelecida (formal ou informal) e, um segundo, no tipo (ou essência) da relação:

1. Relação formal/informal (rede real) subjugada a papéis cultural e socialmente organizados assentes em lógicas de relacionamento formal (principal forma de relacionamento das entidades formadoras) e informal (ligeiramente menos utilizado).
2. Relação de intercâmbio. Ainda que estruturada por relacionamentos de baixa densidade, há registo de alguns recursos partilhados na rede através de formas de cooperação muito peculiares, nomeadamente a *cooperação competitiva limitada* preconizada por Alter et al.^{xi} (1993).

As redes sociais podem funcionar como mecanismos de estruturação da acção colectiva, beneficiando das acções individuais dos seus actores. Em caso algum se poderá falar da inexistência duma rede de entidades formadoras no Alentejo Central. Contudo, é evidente que, apesar das suas especificidades, registou-se uma rede fraca em interações mas, assente em características muito particulares, nomeadamente a centralidade das entidades públicas, a força do associativismo e relações assentes na concorrência agressiva e confiança desconfiante entre entidades formadoras, configurando uma rede com as seguintes características:

- O contexto de acção das EF's é fortemente influenciado pela disponibilidade de Programas de Financiamento
- A rede formal é mais integradora (Rede formal: 2 EF's Isoladas/Rede informal: 4 EF's isoladas)
- As EF's públicas assumem um papel central na estrutura da rede. Na lógica de «ter dinheiro é ter poder», situação que lhes garante um posicionamento privilegiado na rede. As entidades públicas, sobretudo a EF18, pelo facto de serem detentoras de muitos recursos, tem uma centralidade de entrada grande (EF1 = 18 e EF18= 19 – centralidade formal) e uma centralidade de saída menor (EF1 = 0 e EF18 = 5) justificada pela procura de recursos por parte das restantes entidades formadoras.
- A centralidade das EF's públicas é sinónimo de acção interactiva e de influência na rede. As duas entidades públicas apresentam o maior número de ligações directas na rede o que as torna menos dependentes e mais poderosas em termos do exercício da influência sobre as



outras entidades. Como refere Hanneman (2001) os actores mais centrais na rede são mais poderosos, sobretudo se os compararmos com os actores mais periféricos da rede (empresas de consultoria e as associações sectoriais). Por conseguinte, na linha do que sustenta o autor, as entidades públicas são denominadas de actores de prestígio.

- A concepção de Planos de Formação assenta sobretudo em dois pilares:

i. Disponibilidade de Programas de Financiamento (41,9%)

ii. Sensibilidades individuais (28,9%)

- A relação interorganizacional assenta sobretudo na troca de informações. As informações técnicas sobre o funcionamento da formação (26,7%) são o principal recurso partilhado na rede. Metade dos dirigentes (51,6%) referiu ter receios e reserva relativamente à rede, indicador este que vem consolidar a tese duma rede parca em interacções.
- A interacção é um *handicap* da rede. O excerto que se apresenta reflecte a lógica de cooperação que caracteriza a rede:

“A nossa rede é sinónimo de ausência de cooperação. Aqui ao lado temos uma entidade que faz alguns cursos iguais aos nossos. Sabe qual é o resultado? Nem eles, nem nós podemos fazer a formação por falta de formandos. Bastava um simples diálogo.” (dirigente EF 27)

- EF's públicas apresentam uma maior solidez na sua acção
- Identificaram-se sobreposições de perfis de formação ou seja, há ofertas de formação idênticas nas várias entidades de formação, situação esta que encontra justificação na ausência de regulação do mercado de formação profissional.
- Inexistência de estratégias/planeamento de formação
- Inexistência de regulação do mercado
- Em termos futuros não se perspectivam grandes metamorfoses. A rede do futuro apresenta uma densidade de 31,84% e as duas entidades públicas continuarão a assumir o papel de entidades mais centrais na interacção na rede.

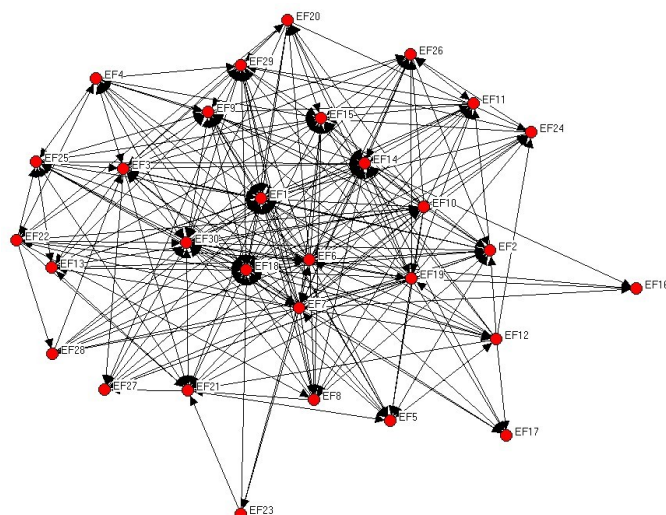




FIGURA 3 - Grafo da rede do futuro. Fialho, 2008

Em suma, é fundamental que as organizações reflectam sobre o seu papel na estrutura da rede, o impacto das suas intervenções formativas e, fundamentalmente, o papel da formação profissional no quadro do Alentejo Central.

Por outro lado, é também imprescindível fomentar uma mentalidade estratégica nos actores da formação profissional e acautelar estratégias de sustentação das intervenções formativas de forma a minimizar a excessiva dependências das variáveis contingenciais (p.exº Programas de Financiamento Comunitários).

Concluindo, a formação profissional assume uma importância estratégica ao nível da qualificação dos recursos humanos. Se esta última afirmação não suscita grandes dúvidas conceptuais, muitas dúvidas ficam em aberto quando estudamos um mercado particular de qualificação de recursos humanos numa das regiões mais desfavorecidas da União Europeia e constatamos que entre as naturais vicissitudes sócio-organizacionais da formação profissional estão questões inerentes a lógicas meramente economicistas de desenvolvimento de acções de formação profissional. Porque será que continuamos com os mais baixos índices de qualificações? Porque será a formação profissional um «negócio» apetecível? Porque será que o recrutamento de formandos é tão importante como o dinheiro? Onde estão os resultados de cerca de vinte anos de aplicação de apoios comunitários para a formação profissional?

Sem querer traçar um quadro dramático sobre a formação profissional que se tem desenvolvido ao longo dos últimos anos, e no qual há excelentes exemplos de boas práticas, é tempo de parar e repensar a formação profissional que se tem desenvolvido até aqui para evitar erros do passado e repensar novas lógicas de qualificação de recursos humanos.

BIBLIOGRAFIA

- ALEJANDRO, V.; NORMAN, A.; (2005); Manual introductorio al análisis de redes sociales. www.redes-sociales.net, consulta em 01/09/2005
- ALTER, C.; HAGE, J; (1993). Organizations working together. Califónia, Sage Publications
- ARROW, Kenneth.; (1974). The limits of Organizatins. New York, Norton
- BOURDIEU, Pierre (1980); Le capital social: notes provisoires, Actes Rech. Sci.Soc. nº30
- BOURDIEU, Pierre (1985); The forms of capital, In. Richradson, J.G (Ed.), Handbook of theory and research for the sociology of education, Connecticut, Greenwood Press
- FIALHO, Joaquim (2003); A formação profissional como estratégia para a reinserção de desempregados de longa duração, Tese de Mestrado, Universidade de Évora (policopiado)
- FIALHO, Joaquim; SILVA, Carlos.A.(2007a); Nós e os outros: análise das redes sociais, Actas das VIII Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, Évora, Universidade de Évora
- FIALHO, Joaquim (2007b); Análise de Redes Sociais. Algumas pistas para aplicação à saúde, Economia e Sociologia 83, Évora
- FIALHO, Joaquim (2008); Redes de cooperação interorganizacional. O caso das entidades formadoras do Alentejo Central, Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Évora em 8/2/2008 (policopiado)
- GRANOVETTER; Mark (1973); The strength of weak ties, American Journal of Sociology, 78



- GRANOVETTER; Mark (1985); Acção económica e estrutura social - o problema da incrustação, IN:
- HANNEMAN, Robert; (2001) Introducion to social network methods, (versão em espanhol) acedido em <http://www.redes-sociales.net/> em 25/07/2006
- MERCKLÉ, Pierre (2004) Sociologie des réseaux sociaux, Paris, La Decouverte
- MOLINA, José L.; (2001) El análisis de redes sociales. Una Introducción, Barcelona, Ediciones Bellaterra
- MOLINA, Jose L.; TEVES, Laura; MAYA JARIEGO, Isidro.; (2004) El análisis de redes en Iberoamérica: una agenda de investigación. http://revista-redes.redris.es/html-vol6/vol6_1.htm, consulta em 31/05/2005
- PORRAS, Jose Ignacio (2001); Cambio Tecnológico y Cambio Organizacional. La Organizacion en Red. disponível em <http://www.revistapolis.cl/2/porr.htm>, consultado em 04/04/2006
- REFFAY, Christophe (2005); Réseaux sociaux et analyse de traces des foruns d'une communauté d'apprentissage, <http://www.dep.u-picardie.fr/sidir/articles/reffay.htm>, consultado em 12/09/2005
- SCOTT, Richard W.; (1992) Organizations: rational, natural, and open systems, 3 ed., New Jersey, Prentice-Hall
- SCOTT, John; (2000) Social Network Analysis: a handbook 2 ed., London, Thousands Oaks, Califónia, Sage Publications
- VARANDA, Marta; (2000) A análise de redes sociais e sua aplicação ao estudo das organizações. Uma introdução, Organizações & Trabalho nº23, Lisboa, APSIOT-Celta
- VARANDA, Marta (2005); La réorganisation du petit commerce en centre-ville: L'échec d'une accion collective, Revue Française de Sociologie 46-2, (pag.325-350)
- WASSERMAN, Stanley; GALASKIEWICZ, Joseph (Ed.) (1994) Advances in social network analysis: research in the social and behavioral sciences California, Sage Publications
- WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine (1998) Social Networks analysis: methods and applications. New York, Cambridge University Press

ⁱ No período que antecedeu a aplicação dos questionários, foi garantida a confidencialidade das respostas pois, tal como refere Molina “as relações são poder e nem todo o mundo está disposto a revelar quais são as suas relações” (2001:73).

Após a recolha dos dados, as entidades foram codificadas com a designação de EF/nº __. Como garantia de confidencialidade.

ⁱⁱ Pretende-se saber se a densidade, centralidade, proximidade, intermediação, a regularidade das relações na rede e como se estruturam.

ⁱⁱⁱ O quadro de cooperação preconizado assenta no tipo de recursos que se partilham na rede, como por exemplo recursos humanos (formandos e formadores), financeiros e técnicos/logísticos (salas de formação e outros equipamentos de apoio à formação).

^{iv} Não há até à presente data qualquer estudo que inclua todas as entidades formadoras que operam no Alentejo em geral e, no Alentejo Central em particular. O carácter sazonal das intervenções formativas na região é de difícil sinalização, pois não existe nenhum organismo regulador que exija um registo para intervenção formativa em determinado território. A dispersão de Programas e Medidas de financiamento geram uma dinâmica de formação profissional que dificulta o levantamento das intervenções formativas.

^v Na construção das matrizes de relação foram considerados os dados correspondentes às regularidades de relações entre as entidades formadoras.

^{vi} Em Vendas Novas está sediado um pólo do INOVINTER. Pelo facto da sua acreditação se encontrar em Lisboa e consequentemente fora da NUT Alentejo Central, não foi considerado nas EF's desta investigação.

^{vii} No cômputo geral dos formandos não foi considerada a modalidade de formação que frequentaram. Os dados reportam-se aos totais de formandos fornecidos pelas entidades formadoras.

^{viii} Esta solicitação/aplicação do questionário foi explicada de forma presencial como estratégia para dissipar dúvidas de preenchimento e esclarecer eventuais dificuldades.

^{ix} Nestes recursos humanos não estão enquadrados os formandos pelo facto de não se registar qualquer tipo de partilha entre as entidades formadoras. Ao contrário, são um «recurso escasso» e amplamente disputado pelas entidades formadoras. São, para além do financiamento, o principal elemento de viabilização das acções de formação.

^x Utiliza-se a terminologia «forma indirecta» pelo facto de não existir a definição de estratégias conjuntas de formação e pelo facto de se tratar duma influência identificada no trabalho de campo. Assim, apesar de não se registar uma influência e dependência directa das restantes entidades para com as entidades públicas, é certo que estas servem de referência para o mercado de formação.

^{xi} Alter e Hage (1993) identificaram **dois grupos de cooperação**:

A **competitiva** em que fazem parte da rede actores do mesmo sector de mercado, e que contém características comuns que potenciam a troca de informações.

Dentro deste grupo está:

Cooperação limitada: desenvolve-se quando o principal elemento a ser disponibilizado no processo se resume à informação. É a tipologia que apresenta um menor potencial de ganhos, dado que a desconfiança entre os membros da rede será algo presente nas suas interações.

Cooperação moderada: implica uma taxa de acordos nos quais são sublinhadas as questões de carácter operacional.

Cooperação ampla: encontra-se em segmentos de mercado que implicam elevados investimentos por parte das organizações ao nível da tecnologia. P. ex. é potenciador de oligopólios.

A **cooperação simbiótica** reporta-se a organizações situadas em diferentes sectores sócio-económicos o que, supostamente, aumentará a probabilidade da sua existência, dado que as organizações compreendidas neste tipo de acordo não se vêem como concorrentes imediatos.